

RIZZINI, Irene, CALDEIRA, Paula, CALDEIRA, Alessandra e FONSECA, Denise. O que motiva o engajamento social de jovens cariocas? *in* Cadernos de Pesquisa. Anuário da Graduação do Departamento de Serviço Social, número 1, 2007 (publicado em agosto de 2008).

O que motiva o engajamento social de jovens cariocas?

Irene Rizzini
Paula Caldeira
Alessandra Caldeira
Denise Barros

Resumo

Neste texto, as autoras discutem as histórias relatadas por um grupo de jovens cariocas de 15 a 24 anos, sobre seus processos de engajamento e participação na sociedade. Como parte de um estudo exploratório internacional, equipes de pesquisa de Chicago, da cidade do México e do Rio de Janeiro entrevistaram jovens que participavam ativamente de projetos ou movimentos sociais. As formas de participação dos(as) jovens revelaram-se bastante diversas, porém, tinham em comum o fato de estarem todos engajados em atividades desenvolvidas em benefício de outros, fossem elas de cunho social (comunitário ou não), político ou religioso. As entrevistas abordaram uma ampla variedade de temas que retratam as perspectivas dos(as) jovens sobre suas trajetórias de participação. Este texto focaliza as motivações apresentadas para o seu engajamento e quem exerceu influência neste processo.

Palavras-chave

Juventude, engajamento, motivações para a participação.

Abstract

In this article the authors discuss the life stories of a group of youth (15 to 24 years old) living in the city of Rio de Janeiro, Brazil, focusing on their processes of engaging and participating in society. This study is part of an international exploratory study carried out in the cities of Chicago, Mexico City and Rio de Janeiro. The interviews conducted with youth from the three cities revealed a diversity of ways in which they got engaged in various social, political, or religious activities. However all of them had in common the fact that their activism was directed for the benefit of others, recognizing that they also gained a lot from the experience. The interviews explored a number of topics, giving the youth the chance to voice their perceptions regarding their trajectories of participation. This text will focus on their motivations to engage actively in society and who/what influenced them in this process.

Key-words:

Youth, engagement, motivations to participate.

Apresentação

Neste texto, refletimos sobre os processos de engajamento social de jovens cariocas. Baseamo-nos em seus depoimentos sobre o que os/as levou a participar das atividades de cunho social (comunitário ou não), político ou religioso em que se engajaram.

Nas próximas páginas descreveremos brevemente os antecedentes do projeto que originaram este estudo e a pesquisa realizada nas 3 cidades. Em seguida, discutiremos o projeto desenvolvido no Rio de Janeiro. Abordaremos alguns aspectos conceituais e demográficos sobre juventude e focalizaremos o tema das motivações dos(as) jovens a participação (incluindo considerações a respeito de pessoas ou fatos que os tenham influenciado). Para tanto, dialogaremos com algumas pesquisas e autores relevantes sobre o tema, com ênfase no trabalho de Juan E. Díaz Bordenave (2002) sobre a temática da participação.

Este projeto é parte de uma linha de pesquisa¹ intitulada *Infância, Juventude e Participação Cidadã*, composta por três projetos: *Percepções de Crianças e Adolescentes sobre Cidadania e Participação Cidadã*; *Culturas de Participação: Jovens e Suas Percepções e Práticas de Cidadania*; e *Jovens Engajados nas Américas*.

O primeiro projeto, *Percepções de Crianças e Adolescentes sobre Cidadania e Participação Cidadã*, ocorreu entre os anos de 2003 e 2006. Tratou-se de uma pesquisa internacional, coordenada por integrantes da Rede Internacional de Pesquisa Childwatch, cujo objetivo foi estudar as percepções de crianças e adolescentes sobre cidadania, direitos e responsabilidades, bem como seu entendimento sobre sua participação na sociedade. Nesta pesquisa, o conceito de cidadania foi compreendido como a consciência e o exercício dos direitos e deveres, o que supõe ter e/ou criar condições para uma ação participativa e transformadora, ou seja, para além do simples acesso aos direitos sociais.

¹ Esta linha de pesquisa vem sendo coordenada pela professora Irene Rizzini desde 2003, envolvendo um grande número de pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior. Dela tem participado vários estudantes do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI, em convênio com a PUC-Rio.

O segundo estudo, *Culturas de Participação: Jovens e Suas Percepções e Práticas de Cidadania*, compreendeu o período entre 2005 e 2007. Esta pesquisa foi coordenada por Udi Mandel Butler², tendo como foco as percepções e práticas de cidadania de jovens moradores da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 16 e 27 anos³. Nesta pesquisa foram identificados quatro componentes importantes para melhor entender o conceito de participação: contexto; movimento; relações de poder; e efeitos. O primeiro componente diz respeito as diferentes oportunidades, espaços e formas de participar presentes nos variados contextos (históricos, sociais, culturais e tecnológicos), e que incorporam diferentes níveis ecológicos como a família, a comunidade, a região, a nação e o planeta. O componente movimento inclui as motivações que levam as pessoas a participar, como a solidariedade, a indignação, o desejo de aprender assim como os recursos que estão disponíveis para a participação. Já as relações de poder envolvem as dinâmicas desses espaços: quem tem acesso a eles, como também compreende a escolha de quais formas de participação são consideradas legítimas em detrimento das que são ignoradas. E por último, o quarto componente diz respeito aos efeitos, que podem ser práticos, como o maior controle, a liberdade, os recursos ou as capacidades, ou simbólicos, como o reconhecimento por outros, a expressão de valores, o aumento do conhecimento, e também afetivos, como a solidariedade, a confiança e a auto-estima.

A terceira pesquisa, na qual se baseia o presente texto, intitula-se *Jovens Engajados nas Américas (Civically Engaged Youths in the Americas)*. Como já mencionado, trata-se de um projeto internacional e constitui uma parceria entre pesquisadores de três países: Irene Rizzini, professora e pesquisadora da PUC-Rio e diretora do CIESPI, Brasil; Maria de Los Angeles Torres, da University of Illinois, Chicago e diretora da unidade de Estudos Latino-Americanos, Chicago, USA e Norma del Rio, professora da Universidad Metropolitana Autonomo de Mexico e diretora do Centro de la Infancia, na Cidade do México. O estudo original foi desenvolvido em Chicago, envolvendo 25 entrevistas com jovens na faixa etária entre 13 e 17 anos sobre suas trajetórias de participação política. Na pesquisa na Cidade do México foram entrevistados 22 jovens, entre 12 e 24 anos.

² Udi M. Butler é professor do Departamento de Antropologia de Oxford. Ele é um dos pesquisadores internacionais associados ao CIESPI e vem desenvolvendo com este Centro uma série de pesquisas e publicações há diversos anos (vide www.ciespi.org.br).

³ Relatório na íntegra disponível em www.ciespi.org.br.

No Brasil foram realizadas 24 entrevistas com jovens de ambos os sexos na faixa etária de 15 a 24 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro⁴. Optamos por seguir parte da metodologia previamente desenvolvida em Chicago, utilizando narrativas construídas pelos próprios jovens, que podiam optar por participar ou não da fase de redação de seus textos. Ou seja, além das entrevistas também foi pedido aos jovens que escrevessem, de próprio punho e livremente, as suas trajetórias de participação. Do total de 24 jovens entrevistados, 13 elaboraram textos escritos.

Nosso objetivo principal era discutir as diferentes formas de participação de jovens de segmentos sócio-econômicos diversos no município do Rio de Janeiro, oriundos de movimentos estudantis, projetos sociais e/ou culturais, grupos religiosos e juventudes de partidos políticos. Nosso enfoque estava voltado aos sentidos que estes jovens atribuíam a sua participação, ao seu espaço e atuação na sociedade.

Em seguida, abordaremos alguns aspectos conceituais e demográficos sobre juventude e participação no Brasil e no Rio de Janeiro. O tema vem sistematicamente sendo alvo de estudos e debates nos últimos anos na medida em que o governo brasileiro vem investindo em programas específicos visando atingir este segmento da sociedade.

Mapa da realidade juvenil no Rio de Janeiro

Com o intuito de lançar o olhar sobre o que há de característico, de particular, entre os adolescentes e jovens no Rio, utilizamos uma pesquisa realizada nesta cidade⁵, com base nos dados da Região Metropolitana⁶ do Rio de Janeiro (RMRJ). Tais dados são provenientes das informações sócio-econômicas produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -

⁴ No total foram realizadas 27 entrevistas, unindo as equipes dos 2 últimos projetos acima mencionados. Três das entrevistas não integraram a amostra porque as jovens tinham mais de 24 anos.

⁵ Os dados apresentados a seguir têm como fonte o *Relatório parcial do projeto CIPROJOVEM/ Elos, Jovens e o Mundo do Trabalho: Conhecimento e Práticas Inovadoras de Geração de Trabalho e Renda para Jovens em Comunidades de Baixa Renda* (apoio FINEP). Coord. Geral: RIZZINI, Irene; BUSH, Malcolm. Coord. do projeto: SOARES, Alexandre Bárbara. Coord. de pesquisa: PIKANÇO, Felícia. CIESPI, 2007. Coube a Marcelo Princeswal o trabalho de compilação destes dados.

⁶ Uma região metropolitana (RM) é definida por um conjunto de municípios integrados e contíguos a uma cidade principal (metrópole), onde serviços públicos e infra-estrutura comuns são compartilhados. A opção pelo recorte oferecido por uma RM está baseada no entendimento de que não apenas a cidade, mas seu entorno também é fundamental para o mapeamento da dinâmica urbana.

IBGE, mais especificamente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD⁷, na década entre 1993 e 2003.

Segundo dados da Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE) de 2004, a população total de jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, nas Regiões Metropolitanas brasileiras⁸ e Distrito Federal, era de 9.435.648, e no Rio de Janeiro a população juvenil contava com 1.907.448 pessoas. O Brasil registrou um recorde de população entre 15 e 24 anos de idade ainda em 2003, 1.3 milhão a mais do que no último Censo Demográfico de 2000. No relatório de 2003 do Fundo de População da ONU, o Brasil aparece como o quinto país do mundo com maior percentual de jovens em sua população. São ao todo 51 milhões de brasileiros entre 10 e 24 anos, o equivalente a 30% da população.

Na RMRJ, especificamente, o crescimento da população foi mais acentuado na faixa de 23 a 24 anos. Entretanto, a afirmação, segundo diversos estudos nas últimas décadas, de que a população brasileira está envelhecendo, comprova-se pelo decréscimo da faixa que compreende os últimos anos da adolescência, entre os 15 e os 17 anos, e o aumento da parcela da juventude entre os 20 e os 24 anos.

Em relação ao sexo, entre os(as) jovens a tendência é a manutenção do equilíbrio entre homens e mulheres, apesar de ter sido expressiva na RMRJ em 2003 a variação entre as faixas etárias: para os(as) jovens de 15 anos e 20 a 22 anos observou-se o aumento do número de mulheres, enquanto entre os(as) jovens de 23 a 24 anos, o aumento do número de homens.

Sobre a cor da população jovem, no período analisado foi observado que houve uma redução da população jovem negra na RMRJ. Este dado nos coloca novamente diante da questão da violência que atinge de forma tão aguda a população jovem e negra, e que persiste ao longo dos anos nas espantosas taxas de homicídios de que temos notícia. Dados recentes revelados por Waiselfisz (2006) na publicação *O Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil* apontam que na cidade do Rio de Janeiro a taxa de assassinatos de jovens brancos entre 15 a 24 anos é de 39,3 por 100 mil habitantes, e a de jovens negros chega a 68,4 por 100 mil, vergonhosamente, a maior taxa

⁷ A PNAD teve seu início em 1967 visando a implantação de um mecanismo de produção de informações básicas para o estudo das características sócio-econômicas do país, com propósitos múltiplos. Segundo definição do IBGE, trata-se de um sistema de pesquisas por amostra de domicílios com função de investigar as diversas características sócio-econômicas da população, tanto as de caráter permanente nas pesquisas (características gerais da população, educação, trabalho, rendimento e habitação) como as de periodicidade variável (como as características sobre migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição e outros temas incluídos no sistema de acordo com as necessidades momentâneas de informação para o país).

⁸ Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

do país.

Entre 1993 e 2003 na RMRJ, há uma redução da condição de pessoa de referência entre os(as) jovens, assim como há redução da condição de cônjuge e empregada doméstica. Já o percentual dos(as) jovens na condição de filhos aumenta significativamente, ampliando também sua participação na condição de outros parentes/agregados. Na RMRJ os(as) jovens são menos chefes e cônjuges em todas as faixas etárias, indicando que no geral eles são menos responsáveis por suas famílias. Há maior número de mulheres (25%) do que homens (12%) como cônjuges e na chefia das famílias na RMRJ, mas a distância entre eles tende a redução em 2003.

No tocante a educação, no período de 10 anos aqui avaliado, observa-se que, com exceção das crianças de 3 a 6 anos, em todas as faixas etárias houve crescimento da frequência à escola e a grande melhoria está entre os adolescentes, pois o percentual destes na escola alcança um pouco mais de 80%. Na RMRJ observa-se um contingente maior de jovens se escolarizando, em comparação com os dados do Brasil como um todo. Não obstante, não podemos deixar de confrontar estas “boas novas” com os desafios que ainda permanecem para que possamos de fato “comemorar-las”, como a garantia da qualidade do ensino oferecido (principalmente pelas escolas públicas) em todo o país, a permanência dos alunos na escola até completarem o segundo grau, e as acentuadas defasagens entre faixa etária e série de ensino hoje encontradas.

Em 2003, há mais homens jovens na RMRJ do que mulheres frequentando a escola, embora essa diferença não seja muito expressiva. Sobre as diferenças entre os grupos étnicos no tocante a frequência à escola, o conhecido diagnóstico de que há relativamente menos negros do que brancos na escola é reafirmado, sendo insignificante a mudança desta diferença ao longo dos anos entre 1993 e 2003, pois ambos, negros e brancos, ampliaram de forma semelhante a frequência a escola.

Quanto ao nível de escolaridade, há um aumento bastante significativo, pois, em 1993 a RMRJ possuía em torno de 13% de jovens com segundo grau incompleto e completo, e em 2003 este número passa para 20%.

O quadro sobre a condição de “atividade”, referente ao trabalho e ao estudo indica que na RMRJ há uma tendência à redução do percentual de jovens ativos, isto é, redução do número de jovens no mercado de trabalho. Na RMRJ, os(as) jovens são menos ativos do que no restante do país. Comparando negros e brancos observamos que na RMRJ os negros são mais ativos que os brancos. Outro dado é que os(as) jovens mais disponíveis para o mercado de trabalho são aqueles

em famílias que obtêm rendimentos de 1 a 2 salários mínimos.

A distribuição desigual de oportunidades educacionais e ocupacionais entre negros e brancos fica mais evidente na RMRJ do que nos dados do Brasil como um todo. Na RMRJ, o contingente de negros que só estudam é muito menor do que o de brancos, assim como existe maior percentagem de negros que só trabalham. Um fator que está diretamente vinculado a porcentagem dos(as) jovens que só estudam é a renda: quanto melhor a renda *per capita* familiar, maior o número de jovens que só estudam⁹.

Em relação à carteira assinada na RMRJ, não houve redução na formalização, havendo, ao contrário, um pequeno aumento, de 47% para 48% de jovens empregados com carteira assinada.

A cor tem um efeito muito significativo quando se trata da posição na ocupação. Os negros são proporcionalmente menos empregados com carteira assinada do que os brancos, bem como são mais empregados sem carteira. E este quadro de desigualdade mostra-se estável ao longo do tempo na RMRJ. Com os cruzamentos dos dados fica claro que ter melhores níveis educacionais amplia as chances de estar empregado com carteira assinada ou ser funcionário público/militar e reduz as chances de ser empregado sem carteira¹⁰.

Entre 1993 e 2003 na RMRJ, há um aumento do percentual de jovens cuja renda do seu trabalho implica em mais de 60% da renda familiar. E, neste mesmo período, foram os mais jovens (entre 15 e 19 anos) que contribuíram mais para a renda familiar. No caso da RMRJ, é baixo o percentual dos adolescentes de 15 anos que contribuem com mais 60% para renda familiar, mas em 10 anos, este percentual é triplicado.

A perda do vínculo formal entre 1993 e 2003, foi mais intensa entre os(as) jovens com nível médio de educação. Entretanto, na RMRJ aumenta igualmente o número de empregados sem carteira também entre os(as) jovens com nível mais alto de escolaridade. Este dado pode indicar um processo amplo de precarização nesta região. Mesmo assim, a diferença em relação aos níveis mais baixos de escolaridade faz da aposta na escolarização algo extremamente

⁹ Para a análise da renda familiar *per capita*, a pesquisa citada utilizou o enfoque monetário em unidade de salário mínimo. As categorias de renda utilizadas foram as seguintes: “sem rendimento”, “até ¼ do salário mínimo”, “mais de ¼ a ½ salário mínimo”, “mais de ½ até 1 salário mínimo”, “mais de 1 até 2 salários mínimos”, “mais de 2 a 3 salários mínimos”, “mais de 3 até 5 salários mínimos” e “mais de 5 salários mínimos”. Dessa forma, a pesquisa buscou evidenciar o que denominamos “baixa renda”: a extrema pobreza (até ¼ de salário mínimo) e a pobreza (mais de ¼ a ½ salário mínimo e mais de ½ a 1 salário mínimo).

¹⁰ PICANÇO, Felícia. In: *Relatório parcial do projeto CIPROJOVEM/ Elos, Jovens e o Mundo do Trabalho: Conhecimento e Práticas Inovadoras de Geração de Trabalho e Renda para Jovens em Comunidades de Baixa Renda*. CIESPI, 2007.

importante¹¹.

Estudos com foco em juventude e participação

Nos últimos anos, alguns estudos abrangentes foram realizados no Brasil, abordando diversos ângulos da participação de jovens. Vários deles adotaram metodologias participativas, destacando as opiniões dos jovens sobre diferentes assuntos. Entre estes estudos, citamos o do Instituto de Estudos da Religião (ISER 2002), o do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (IBASE e PÓLIS 2005), e o da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO 2006).

Na pesquisa realizada pelo ISER, denominada *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*, de 2002, foram ouvidos 800 jovens entre 15 e 24 anos, moradores do município do Rio de Janeiro. No estudo, foram considerados pesos diferenciados e proporcionais aos bairros com mais ou menos jovens para permitir uma maior representatividade da amostra. No questionário estavam presentes questões referentes ao perfil dos(as) jovens entrevistados(as), suas percepções sobre si mesmos e sobre as instituições sociais e os problemas do Brasil, com o objetivo de “traçar um panorama geral sobre questões que tocam identidade, valores, comportamentos e perspectivas de futuro dos(as) jovens cariocas” (ISER, 2002:10).

Neste estudo, no que diz respeito à cor, os(as) jovens se definiram como: 41% brancos, 19,9% negros, 21,3% pardos, 5,5% amarelos e 3,1% indígenas. A maioria, 83,1% era composta por solteiros(as), enquanto 15,8% eram casados(as). Sobre a religião dos(as) jovens, a maior representação estava na igreja católica, seguida pela evangélica e/ou protestante e por último a espírita.

Quanto à escolaridade, 64,5% dos(as) jovens estavam estudando e 35,5% não estavam na escola. Dentre estes últimos, destacam-se as seguintes causas para o afastamento do ensino formal: conclusão dos estudos, necessidade de trabalhar, falta de vontade, expulsão ou desinteresse.

Com relação ao mercado de trabalho, os(as) jovens entrevistados declararam que 57% não

¹¹ Idem.

estavam trabalhando, 13,3% estavam empregados(as) com carteira assinada, 10,4% sem carteira assinada, 9,1% trabalhando por conta própria, 4,1% eram donas de casa e 2,9% faziam estágio remunerado.

Além dos dados demográficos, a pesquisa averiguou também questões relativas às expressões políticas da juventude, constatando que a maioria dos(as) jovens (56%) votaria mesmo que o voto não fosse obrigatório, sendo a escolaridade um fator diretamente ligado a essa porcentagem, haja visto que quanto maior a escolaridade, maior o desejo de votar.

“Votariam se não fosse obrigatório 40% dos que têm o primário incompleto, 43,3% dos que têm até o primário completo, 47,7% dos que têm 1º grau incompleto, 56,9% dos que têm 1º grau completo, 57,5% dos que têm 2º grau incompleto, 58,4% dos que têm 2º grau completo e 72,4% dos universitários” (ISER, 2002:64).

Um dado bastante interessante apontado por este estudo refere-se à coincidência da resposta quanto às perguntas sobre a melhor e a pior coisa de ser jovem: o futuro. Nas respostas sobre a melhor coisa de ser jovem, a maioria dos(as) jovens respondeu que seria “ter o futuro pela frente” e, ao mesmo tempo, a pior coisa de ser jovem seria “a preocupação com o futuro” (Idem, p.18)

Outra pesquisa relevante teve abrangência nacional e é intitulada *Juventude Brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas* (IBASE e PÓLIS, 2005). O projeto englobou 7 Regiões Metropolitanas brasileiras e o Distrito Federal, envolvendo jovens de 15 a 24 anos, de ambos os sexos. O estudo ouviu diferentes jovens a respeito do seu processo de participação em atividades políticas, sociais e comunitárias, tendo como objetivo “subsidiar novas políticas, estratégias e ações públicas voltadas para os (as) jovens” (p.5). Para isso foram aplicados 8000 questionários e realizados grupos de diálogos com 913 jovens.

Em relação aos dados demográficos a pesquisa traz as seguintes informações: quanto à classe social, grande parte dos(as) jovens pertencia à classe C (44,0%), seguida pelas classes D/E (25,4%) e por último às classes A/B (24,3%). Em relação à cor, as porcentagens foram: brancos 42,3%, pardos 34,4% e negros 16,1%. Quanto ao estado civil, 86,2% dos(as) jovens se disseram solteiros(as) e 13,0% casados(as). Além disso, 20,9% afirmaram ter filhos, o que segundo os pesquisadores pode indicar um elevado número de pais e mães solteiros.

Sobre a escolaridade dos(as) jovens entrevistados, a maioria, 42,5%, possuía o Ensino

Médio incompleto, 24,3% o Ensino Fundamental e 33,2% o Ensino Médio completo ou mais. Destes(as), 86,2% estudaram em escola pública e 13,7% em escola privada. Em relação ao trabalho, 60,7% dos entrevistados(as) disseram estar trabalhando. Dos que não estavam trabalhando, 60,6% se encontravam na faixa etária entre 18 e 20 anos, e 47,7% na faixa etária entre 21 e 24 anos. Já entre os(as) jovens na faixa etária dos 15 aos 17 anos, 22,2% estava trabalhando.

No tocante à religião dos(as) jovens deste estudo, o dado assemelha-se ao da pesquisa do ISER (2002): a maior parte dos(as) jovens afirmou ser católica, seguida pelos evangélicos e/ou protestantes e por último os espíritas.

Para além das características demográficas, a pesquisa também ouviu os(as) jovens no tocante às suas críticas em relação à estrutura de suas escolas. Tais críticas vieram acompanhadas das seguintes propostas de melhoria: maior qualificação e remuneração para os professores; melhoria dos currículos, metodologias e material didático; maior número de atividades extras e mais investimento na educação. Em suma, reivindicam uma escola de qualidade e universal, que vise a igualdade de oportunidades no ingresso ao mercado de trabalho.

Quanto a participação juvenil, a maioria dos(as) jovens disse integrar grupos associados à igrejas (Novaes e Mello, 2002). E apesar de apenas 8,5% considerarem-se politicamente participantes, a maioria dos(as) entrevistados(as) demonstrou interesse pelos assuntos políticos. Nesta pesquisa os(as) jovens também deixaram recados para os políticos do nosso país, vistos com descrédito por boa parte deles, além de reivindicarem mais espaços para que possam expressar suas necessidades.

A última pesquisa considerada aqui foi realizada pela UNESCO em 2006, com o nome *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Este estudo teve como objetivo “contribuir para a consolidação de uma agenda que trate de maneira mais atenta a questão da juventude no Brasil” (p.11).

Para a realização do estudo, foram utilizadas amostras estatisticamente significativas da população de 15 a 29 anos no país, tendo como base os dados do Censo Demográfico de 2000 e a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) de 2002.

Além de dados demográficos sobre os(as) jovens e suas famílias; educação e trabalho, o estudo apresentou aspectos sobre a participação política dos(as) jovens; suas percepções, valores e sentidos; sexualidade; lazer e cultura; suas opiniões sobre consumo de drogas lícitas, consumo e

legalização de drogas ilícitas e prática de esportes. Para as finalidades do presente texto, porém, iremos destacar apenas os dados relativos à participação juvenil e às características que melhor definem a juventude de hoje a partir das percepções dos(as) próprios(as) jovens.

Assim, quanto à participação juvenil, repete-se o dado de que os grupos que mais concentram jovens são os grupos ou movimentos ligados à igreja (69,1%), seguidos pelo movimento estudantil (48,2%), movimento ecológico (20,3%), trabalho comunitário (17,5%), partido político (9,8%) e voluntários em ONG's (7,6%). Outra informação interessante revelada pela pesquisa foi a de que em 41,1% das vezes, a direção ou administração de instituições em que os(as) jovens participam encontrava-se nas mãos, principalmente, de adultos, contra apenas 34,3% das que estavam nas mãos dos(as) jovens, e 23,7% correspondendo à instituições em que a responsabilidade era compartilhada.

Não obstante, os entrevistados consideraram que a participação do jovem de hoje é melhor do que a participação da geração dos seus pais. E, na sua opinião, o que melhor define os(as) jovens contemporâneos é: a moda e a aparência (26,9%); a consciência, a responsabilidade e o compromisso (14,6%); a linguagem e a música (9,8%); a insegurança pessoal e social (9,6%) e a falta de perspectivas (8,1%).

Foco sobre a pesquisa *Jovens Engajados nas Américas*

Os(as) jovens que participaram do estudo na cidade do Rio de Janeiro

A pesquisa no Rio de Janeiro objetivou tornar o grupo de jovens entrevistados o mais heterogêneo possível, visando uma melhor abrangência quanto à participação juvenil. Foram entrevistados(as) jovens oriundos(as) de projetos sociais e/ou culturais, juventudes de partidos políticos, grupos ligados a igrejas, movimentos estudantis e sociais. Neste estudo, participaram 24 jovens de diferentes estratos sócio-econômicos, na faixa etária entre 15 e 24 anos. Nosso grupo de jovens compreende 12 moças e 12 rapazes dentre os quais 5 são brancos, 12 pardos e 7 negros; 15 pertencem à famílias de baixa renda e 9 à famílias de renda média. No que tange ao nível de escolaridade temos: 1 jovem com o ensino fundamental completo, 16 que cursam e/ou já concluíram o ensino médio e 7 jovens que cursam e/ou já concluíram o ensino superior.

“Juventudes” e a necessidade de participar...

Na literatura encontramos diversas definições acerca do conceito de juventude. Em nossa pesquisa optamos pela definição que traz o termo no plural, “juventudes”, como afirmam Ribeiro, Lanes e Carrano (2006, p. 77):

“(...) a noção de ‘juventudes’ é um complexo processo sócio-econômico-cultural que se expressa simultaneamente em diversidades e desigualdades, objetivas e subjetivas. Dessa forma, ao tratarmos da juventude, devemos ter em mente a dupla dimensão dessa categoria que expressa simultaneamente um momento do ciclo de vida e determinadas contingências de inserção dos sujeitos na estrutura social”.

Participaram da pesquisa, jovens com perfis muito interessantes, dentre os quais podemos destacar características como liderança, persistência, poder de articulação, preocupação com o bem estar de outras pessoas e com o futuro do país. Concordamos com Paulo Krischke, em artigo publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), quando afirma que há um “(...) enorme otimismo dos(as) jovens brasileiros, ao acreditar que ‘podem mudar o mundo’, atribuindo ao seu esforço pessoal e capacidade de inovação, a conquista de um futuro melhor - em sua própria vida, para o seu bairro, e para o país em que vivem” (p.22-23). E vislumbramos essa ânsia em “mudar o mundo” em algumas falas e atitudes observadas em uma parcela da juventude que luta por igualdade de direitos e oportunidades para todos e, principalmente, por uma educação de qualidade e gratuita.

A que se deve o engajamento dos(as) jovens?

Mas de onde emerge essa necessidade de participar? Segundo Bordenave (2002), a participação é uma necessidade vital ao ser humano. Vista por este ângulo, a participação pode manifestar-se no jovem por um estímulo externo ou, em outros momentos, por questões de cunho muito pessoal. Encontramos em nosso estudo esta motivação à participação como manifestação de uma necessidade de mudança, como atesta Bordenave. De acordo com o depoimento de uma das jovens entrevistadas:

“Eu não queria viver a mesma coisa que eles viveram... eu podia fazer a diferença” (JH, sexo feminino, 17 anos).

Em outros casos, as questões pessoais estão profundamente ligadas a uma identificação da pessoa com determinado grupo. Uma das jovens entrevistadas, por exemplo, relatou ter sofrido discriminação racial em sua universidade e, a partir deste fato, buscou na atuação junto ao movimento *Hip Hop* um meio para se fortalecer e lutar por aqueles que, assim como ela, também sofreram algum tipo de discriminação.

“(...) agora o movimento Hip Hop pra mim, acho que me deu um norte assim, sobre a questão racial, sobre o que eu quero daqui pra frente” (Q, sexo feminino, 22 anos).

Percebemos que esta motivação gerada por uma forte necessidade de mudança não implica apenas no alcance a benefícios para si mesmos, mas também para as pessoas ao seu redor, sejam seus amigos, sua comunidade ou a sociedade em geral. Ainda que muitas vezes, a princípio, não esteja claro para estes jovens como empreenderão tais mudanças, o fato de sentirem que podem ser agentes de transformação causa uma grande satisfação e incentivo:

“...Intervir na realidade, intervir no seu meio social e uma tarefa da juventude hoje é, de fato, estudar, entender a realidade brasileira e realidade da América Latina e mundial e, com isso, contribuir no seu meio social” (M, sexo masculino, 24 anos).

“Quando você faz bem pra outras pessoas, você vai sentir aquele bem... mas de você se sentir útil sabe...” (MR, sexo feminino, 20 anos).

“Então foi isso... procurar um partido... poder ajudar as outras pessoas...” (IL, sexo feminino, 20 anos).

Essa inquietude e necessidade de transformar aquilo com o que não concordam estão muito presentes nas falas dos(as) jovens, principalmente no que diz respeito ao questionamento do que teoricamente está “posto” na sociedade. Percebemos que há um desejo em modificar aquilo que aparentemente está estático, e este desejo não se restringe apenas ao grupo ao qual pertencem, como vimos, mas à sociedade como um todo. Novamente citamos Bordenave (2002), segundo o qual, *“A participação é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente se pode*

aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende a participar, participando” (p. 74). É possível identificar nas entrevistas e também nas narrativas escritas por alguns jovens esta consciência participativa da qual nos fala Bordenave. Para alguns, foi exatamente esta consciência que motivou o início do seu processo de engajamento. Vejamos o depoimento de um dos rapazes:

“... quando eu percebi que eu poderia fazer alguma coisa e que essa coisa não dava pra fazer sozinho, porque não há saída individual pro problema que é coletivo, então eu resolvi me organizar” (IC, sexo masculino, 20 anos).

Não obstante, para autores como Ribeiro, Lanes e Carrano (2006), a busca pelo engajamento não tem caráter apenas altruísta, podendo significar para o(a) jovem ganhos muito práticos e relacionados puramente a sua segurança econômica e/ou profissional¹². Segundo estes autores, o ingresso em atividades religiosas pode estar atrelado a uma busca por “estabilidade” no mercado de trabalho e/ou a uma possibilidade de ingressar em uma universidade. Dessa forma, o jovem se utilizaria do engajamento em atividades religiosas para garantir seu direito de estudar - direito este muito relevante para os(as) jovens, como veremos a seguir. Como afirmam Ribeiro, Lanes e Carrano:

“Na pesquisa realizada com jovens religiosos, a busca de status e prestígio social não aparece como a principal motivação; esta se centraria no “seguimento de Cristo e vivência do Evangelho” e na preocupação social e no desejo de servir aos mais desvalidos, sintetizada na “opção pelos pobres”. Mas a “busca de segurança, de estabilidade, de estudo, de status” não deixa de estar presente, sobretudo entre as mulheres: 21% destas consideram tal objetivo como uma motivação importante” (2006, p.07).

A partir da análise dos estudos aqui enunciados, é possível constatar que as preocupações juvenis se concentram principalmente em temas como a violência, o desemprego, a educação e a pobreza/desigualdade. A preocupação com o desemprego deve-se principalmente às exigências prementes no mercado de trabalho, onde a qualificação torna-se elemento fundamental, embora não garantidor de uma vaga (Novaes e Mello, 2002). O sentimento de insegurança em relação ao ingresso no mundo do trabalho está pautado em limitações reais de oferta de empregos para esta

¹² Este ponto foi particularmente destacado no estudo da cidade de Chicago. Ver: Torres, 2006.

camada da população, agravada pela ocupação pelos adultos de postos de trabalho anteriormente destinados aos(as) jovens (IBASE e Polis, 2005)¹³.

O depoimento de um dos jovens entrevistados por nossa pesquisa refere-se às preocupações atuais em relação ao mercado de trabalho e como o jovem procura se adaptar a elas:

“Eu acho que o jovem de hoje, é um pouco daquilo que eu falei sobre desenvolvimento, ele está mais ligado no mercado de trabalho, ele está mais progressista, está buscando mais o desenvolvimento dele” (IC, sexo masculino, 20 anos).

Para os(as) jovens que participaram das diferentes pesquisas mencionadas, emprego e educação de qualidade são claramente reconhecidos como direitos, assim como o acesso à cultura e ao lazer. Na opinião de um jovem morador de Recife entrevistado pela pesquisa IBASE e PÓLIS:

“(...) se o jovem não tem acesso a uma escola de qualidade, não consegue um trabalho, e se não ganha dinheiro, não pode ter acesso à cultura e ao lazer” (IBASE e PÓLIS, 2005, p.34)

A educação é o direito mais citado pelos(as) jovens entrevistados(as) por nossa pesquisa, mas também podemos destacar o direito ao trabalho digno, a liberdade de expressão, a saúde, a ser feliz e o direito a uma vida digna. Percebemos que, para estes jovens, a participação em projetos e movimentos sociais é um meio importante para que possam conquistar seus sonhos e transformar a realidade em que vivem.

No que se refere às motivações para o engajamento dos(as) jovens, observamos em nossa pesquisa dois “tipos” de motivação, denominadas por Bordenave (2002) de “*bases complementares da participação*”. A primeira, chamada por ele de “*base afetiva*”, estaria ligada ao seguinte sentimento: “*participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros*”. Já a segunda base foi denominada “*base instrumental*”, e estaria desta forma justificada: “*participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos*” (p.16).

¹³ Destaca-se que quase metade dos(as) jovens brasileiros (49,9%), está buscando trabalho (UNESCO, 2006, p.205).

A título de ilustração, citamos alguns exemplos destas *bases complementares* da participação nas entrevistas que realizamos. O jovem IC (20 anos) nos garante que “*não há saída individual para o problema que é coletivo*”. A jovem AS (17 anos) descreve que começou a participar porque recebeu um “*chamado divino*”. Chamado que está associado à religiosidade da entrevistada, mas que também vai ao encontro do que acabamos de refletir acerca da preocupação do jovem com o bem estar da humanidade.

Houve ainda outros motivos detectados por nós acerca dos processos de engajamento dos(as) jovens que entrevistamos. Eles versam sobre um desejo, uma necessidade ou uma urgência em participar socialmente. Por vezes, observamos que se trata de uma questão de intensidades diferentes que levam os(as) jovens a atuarem, levados por um desejo ou premidos por uma necessidade ou urgência em “fazer alguma coisa”. Este movimento apareceu nas entrevistas de diferentes formas, como um desejo de contribuir para a sociedade, de ajudar, de ser útil e de transformar:

“Cara assim, eu gostaria de recuperar o máximo de jovens que tá, que eu faço trabalho de tá podendo tá dando essa chance à eles,... Trabalhar cara, a gente sempre tem que tá trabalhando, ajudando o próximo, fazendo o bem...”(FB, sexo masculino, 19 anos).

Em alguns depoimentos, predomina o tom de uma clara consciência política, vislumbrado principalmente nos relatos dos(as) jovens atuantes em movimentos estudantis, partidos políticos e em conselhos de direitos. É como afirma uma das jovens:

“Pôxa, podia melhorar, mas como você vai melhorar? Fazer caridade o tempo todo não dá... Então foi isso, entrar para a política, procurar um partido foi muito nesse sentido de poder ajudar as outras pessoas não com política assistencialista”(IC, sexo feminino, 20 anos).

“Se você pegar todas as lutas, você pega desde o Brasil Colônia, até hoje, o jovem sempre participou de algo muito importante e foi protagonista em alguma dessas lutas. O que existe é um discurso, hegemônico, pra dizer que o jovem não participa e com esse discurso desincentivar a participação de quem quer participar. Agora tem um fenômeno que se mantém no movimento secundarista, que é esse sentimento, essa abertura sabe? De querer saber mais as coisas, que a gente chama às

vezes de rebeldia” (GM., sexo masculino, 20 anos).

Estas palavras reforçam o que disseram outros(as) jovens, sobre o fato de acreditarem que sua participação nos projetos, partidos políticos e movimentos sociais e estudantis em que atuam tenha o papel de reivindicação do cumprimento dos direitos garantidos por lei à população em geral.

Quem influenciou em seus processos de engajamento?

Uma das perguntas presentes no nosso roteiro de entrevista com os(as) jovens era se a sua participação tinha tido a influência de alguém. Alguns dos depoimentos demonstram que esta influência pode ter sua origem, no dizer de Bordenave, em uma “*base afetiva*” ou em uma “*base instrumental*”. Dentre estes há principalmente a influência de amigos e da família, com destaque para os pais. Para vislumbrarmos melhor estas possíveis influências, nós as subdividimos nas categorias “*elos familiares*”, “*elos comunitários*”, referindo-nos a influências ocorridas no âmbito das relações familiares e comunitárias, e “*agentes internos e externos*”.

No caso dos *elos familiares*, vejamos alguns depoimentos ilustrativos por parte dos(as) jovens:

“Remonto, portanto, à minha infância e à influência decisiva que meus pais tiveram neste processo. É impossível para mim não recordar da incessante luta de meu pai, como servidor público, pela melhoria do serviço no Hospital dos Servidores do Estado, de seu engajamento no Sindicato dos Médicos e em sua defesa da via político-democrática como forma de melhoria das condições sociais. Minha mãe, ainda que de maneira diferente, já desde cedo me mostrava que éramos uma minoria privilegiada de uma sociedade injusta e desigual” (FB, sexo masculino, 19 anos – texto de sua autoria).

“Nossa senhora, só. (...) A minha família mesmo, sempre fomos muito católicos, então o incentivo da minha mãe foi primordial” (AS, sexo feminino, 17 anos).

“Eu podia dizer o meu pai, porque ele me apresentou. Querendo ou não é uma influência. No fundo no fundo ele me apresentou o curso e eu gostei. Se eu quisesse sair ele não ia fazer pressão nenhuma pra eu ficar. Eu mesma que fui gostando, fui crescendo. E hoje nem ele mesmo acredita como que eu estou tão dentro”

(RF, sexo feminino, 15 anos).

Na categoria “*elos comunitários*”, vemos principalmente a influência dos amigos nos locais de moradia dos(as) jovens, como demonstram os depoimentos abaixo:

“Foi uma amiga minha de infância a T., então ela já era do grupo (de teatro e dança) há bastante tempo, a mãe dela sabia que eu gostava de dançar porque assim, eu ficava lá no quintal da minha avó, no espelho, não podia ver um espelho que eu ficava dançando, então ela falou que um dia ia me levar lá, me levou, eu assisti apresentação, ao ensaio das meninas, aí fui no outro dia, fui indo, fui indo, até o dia que eu fiz minha primeira apresentação, não consegui mais sair, não consegui sair mais de lá” (DE, sexo feminino, 16 anos).

“Desde a igreja eu tenho uma amiga, A., que ela assim, você olha assim, determinada sabe? Porque ela me ajudou muito, sempre acreditou em mim, sempre me contava isso, ‘pô você tem potencial, você tem que enxergar isso’, e ela que me indicou pra coordenação e ela sempre me deu umas dicas boas assim...” (MR, sexo feminino, 20 anos).

Acreditamos que estas conexões nas esferas familiar e comunitária sejam de grande valia no que diz respeito ao crescimento pessoal e profissional dos(as) jovens. No que se refere especificamente aos elos comunitários, Bordenave afirma que “(...) *a participação das pessoas em nível de sua comunidade é a melhor preparação para a sua participação como cidadãos em nível da sociedade global*” (2002, p.58).

Já na categoria denominada por nós de “*agentes internos e externos*”, incluímos exemplos citados pelos(as) jovens de conexões ocorridas fora de seu círculo familiar e comunitário, geralmente relacionadas à pessoas públicas que se tornaram para eles como modelos de vida. É o que atestam as falas a seguir:

“(O que influenciou) foi a luta do Leonel Brizola. Sempre tão difamado, mas pra mim ele é uma figura que merece admiração. Porque tem a história do trabalhismo desde Vargas, Jango, aí o Brizola. E o trabalhismo é um modo de humanizar o capitalismo, aí depois disso aí eu gostei da filosofia e corri atrás”(DM, sexo masculino, 20 anos).

“A referência principal foi o acampamento (Sem Terra) porque, afinal, eu fiquei 5 anos acampado, então foi o que realmente me ajudou muito. O acampamento me ensinou muito. Os cursos, o estudo que eu fiz foi apenas complemento, o que me ensinou mesmo foi ficar acampado 5 anos. Qualquer livro que eu ler hoje, qualquer estudo que eu fizer, qualquer tipo de graduação, hoje é complemento daquilo que eu vivi no acampamento. Dentro dessa nova estrutura social que se organiza, dos trabalhadores. Foi fundamental. Digo acampamento, o conjunto, a coordenação, as famílias, os dirigentes...” (M, sexo masculino, 24 anos).

Em alguns casos, os(as) jovens negaram a existência de influências externas, afirmando terem iniciado seu engajamento movidos tão somente por suas inquietações interiores, ou, ainda, a não identificação de alguma influência específica, mas sim uma influência de múltiplas origens, multifacetada:

“Minha, completamente minha. Aliás não tem ninguém da minha família envolvido com política, nem um professor assim que tenha... ninguém. Eu sou uma surpresa!” (IL, sexo feminino, 20 anos)

Para Bordenave, existem alguns fatores que “condicionam ou obstaculizam” a participação. Por exemplo, a presença de um pai autoritário e/ou uma mãe submissa, que pode vir a contribuir para a criação de filhos acostumados a obedecerem por temor ou respeito, de modo a provavelmente não se oporem a nenhuma das regras pré-determinadas pelos pais. Ou ainda, em contraposição, a participação pode ser facilitada, por exemplo, através da atuação de um líder que acredita na opinião de todos como um instrumento para construir as soluções para os problemas em sua comunidade.

Alguns autores como, por exemplo, Agnelo (1999) atribuem ainda o incentivo ou obstáculo a participação dos(as) jovens às ações dos chamados “ex-jovens”. Os “ex-jovens” (pais, amigos, parentes, responsáveis, etc.) são adultos que podem auxiliar ou não o engajamento dos(as) jovens com os quais mantêm contato. Em nossa pesquisa nos deparamos com relatos do impedimento ou limitação por parte de alguns adultos à participação de jovens em atividades políticas estudantis, por exemplo. Muitas vezes esta influência se dá também de maneira ambígua. Um dos nossos entrevistados relatou uma postura de apoio e, por vezes, também de desestímulo de seus pais em

relação a sua participação no movimento estudantil. Ambos foram militantes e, por conta dos seus engajamentos tiveram que mudar de cidade para que não viessem a sofrer mais represálias. Apesar de apoiarem a consciência crítica de seu filho por um lado, por outro, não o motivavam a realizar algumas ações. O entrevistado afirmou ainda que, diante das dificuldades financeiras que os(as) jovens encontram no movimento estudantil (para se alimentar, se deslocar de uma escola a outra), alguns pais, mesmo que considerados de “classe média”, não fornecem nenhum tipo de ajuda aos filhos para que participem. Para compreendermos um pouco mais acerca dos “incentivos” e “limitações” presentes nos cotidianos dos(as) jovens em questão, reproduzimos a seguir a fala de um jovem que se considera injustiçado por uma suspensão que recebeu do diretor do colégio no qual estudava, por passar de sala em sala para a convocação dos alunos para uma reunião do grêmio estudantil. No relato percebemos o apoio dos pais em relação à ação do filho no movimento:

“Eu já era maior de idade, tinha 19 anos, aí o diretor chamou os meus pais. Isso já tá errado, mas a gente falou, vamos lá então. E ele começou a falar que eu era um mau aluno e tal, né? E aí eles foram concordando né? Aí quando ele falou de eu passar em sala e tal, aí os meus pais me defenderam. Falaram: ‘você pode passar em sala sempre como aluno o tempo que você quiser que nós vamos concordar’. (...) E ele, esse diretor é um fascista mesmo” (GM, 20 anos, pág. 24 da entrevista).

Visões de mundo: reflexões preliminares

Nas entrevistas com os(as) jovens que participaram deste estudo, observamos o desenvolvimento de uma série de idéias ligadas ao seu sentido de estar no mundo. Apenas iniciamos esta análise, mas gostaríamos de apresentar algumas reflexões preliminares a título de fechamento deste texto. Diversos de seus depoimentos falam de suas visões de mundo, ou seja, em que acreditam ao se engajarem e que sentidos atribuem à sua participação e à sua atuação na sociedade. Como nos revelou um rapaz:

“Você começa muito romântico depois você deixa de ser romântico e passa a ser mais pragmático. Você vai caindo mais na real, vai vendo como é que é de fato e tal, vai ver que não é bem aquilo que você tá pensando, as coisas não são assim,

não mudam de uma hora pra outra. É um sentimento de que preciso fazer mais”. (...) “Eu acho que eu to no caminho, sabe? Apesar de todos os problemas e tal, eu acho que eu to no caminho. Eu acredito nisso...”. (IC, sexo masculino, 20 anos).

É uma reflexão que expressa um amadurecimento na caminhada da participação, que pode levar a uma crescente consciência social. Será interessante observar como evoluem estas idéias nas cabeças destes(as) jovens no futuro. Vejamos mais dois depoimentos que tratam de maneira veemente do desejo de transformar...

“E o benefício é saber que a nossa luta é pra transformar esse negócio aí. O maior desafio nessa transformação? É se transformar, porque pra você transformar o mundo você tem que se transformar...”. (GM, sexo masculino, 20 anos).

“E a gente deve olhar para o nosso problema como o mínimo possível, e sempre buscando a solução, porque o próximo está sofrendo muito mais”. (AS, sexo feminino, 17 anos).

Tais afirmações reveladas por esses jovens vão ao encontro à idéia de Bordenave, de que “a melhor maneira de se aprender a participar é participando” (2002, p.73).

Durante as entrevistas, nos vimos frente a uma palavra de ordem, por vezes mais tímida, por vezes mais categórica, mas sempre apaixonada: mudar o mundo. Seja por um desejo interno, uma necessidade vital ou uma urgência, pela visualização de ganhos práticos para si, ou por um sentimento de solidariedade com o próximo. Os movimentos de engajamento no sentido de participar, de “fazer alguma coisa” podiam atingir seus espaços concretos de vida (seu grêmio estudantil, sua escola, sua comunidade), ou ocupar um lugar mais amplo (o país, a humanidade). O que é importante destacar é que este agir para transformar se fez forte nos depoimentos, em consonância com diversos outros estudos, por nós citados, que associam ao jovem a ânsia pela mudança. Como tão bem se expressa o jovem G., de 20 anos:

“O que resolve é uma transformação na sociedade. Se você tem um movimento social dirigido com essa concepção, você pode transformar o mundo”.

Na clara preocupação do jovem pela necessidade de transformação da sociedade, revelam-se o medo e a incerteza em relação ao futuro. E este tempo futuro está repleto de significados contrastantes, como a esperança, as promessas de conquistas e o medo: medo do desemprego, da violência, e tantos outros medos. Mas para este tempo futuro os jovens que aqui retratamos lutam, afirmando que o tempo deles é o tempo presente, agindo juntos pelo prazer em fazer junto, e, com isso, vão criando a sua e a nossa história.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicacoes/livros/juventudesjuventude/mostra_documento. Acessado em: 24 de agosto de 2007.

AGNELO, Dom Geraldo Majella. Juventude e religiosidade *in Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p. Disponível em: www3.bireme.br/bvs/adolesc/P/cadernos/capitulo/cap05/cap05.htm - Acessado em 22 de abril de 2007.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é participação?* São Paulo: Brasiliense, 2002 (8º ed.).

BUTLER, Udi Mandel; PRINCESWAL, Marcelo; ABREU, Roberta. *Relatório de pesquisa do projeto Culturas de Participação: Jovens e suas Práticas de Cidadania*, disponível em www.ciespi.org.br. Coordenação: Udi Mandel Butler/ CIESPI, 2007.

CIESPI. *Relatório parcial do projeto CIPROJOVEM/ Elos, Jovens e o Mundo do Trabalho: Conhecimento e Práticas Inovadoras de Geração de Trabalho e Renda para Jovens em Comunidades de Baixa Renda*. Coord. Geral: RIZZINI, Irene; BUSH, Malcolm. Coord. do projeto: SOARES, Alexandre Bárbara. Coord. de pesquisa: PIKANÇO, Felícia. CIESPI, 2007.

IBASE e PÓLIS. *Relatório Final Juventude brasileira e democracia – participação, esferas e políticas públicas..* 2005. Disponível em: www.idrc.ca/uploads/user-S/11340655531ibase_relatorio_juventude.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2004*.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Indicadores Sociais com Base na PNAD de 2003*.

KRISCHKE, Paulo J. *Perfil da juventude brasileira - questões sobre cultura política e participação democrática*. In: Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis - PPGICH UFSC. 2004. Disponível em: <www.interthesis.cfh.ufsc.br/interthesis2/artigo3.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2007.

NOVAES, Regina; MELLO, Cecília Campello. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, n. 57, 2002.

ONU. *Relatório do Fundo de População das Nações Unidas: Situação da População Mundial*. ARMITAGE, Alanna (Diretora Executiva UNFPA). ONU/ UNFPA, 2003.

RIBEIRO, Eliane; LANES, Patrícia; CARRANO, Paulo. *Diversidade de perfis caracteriza as juventudes brasileiras*. In Democracia Viva n. 30, 2006. Em: www.ibase.br/userimages/ibasenet_dv30_indicadores.pdf. Acessado em: 10 de março de 2007.

TORRES, Maria de los Angeles. *Potencial político da juventude latina: notas preliminares acerca de uma agenda de pesquisa para o século XXI*. In: RIZZINI, Irene et al. *Crianças, adolescentes, pobreza, marginalidade e violência na América Latina e Caribe: relações indissociáveis?* Rio de Janeiro: CIESPI, PUC-Rio, 2006.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2006: os jovens do Brasil*. Apoio: Ministério da Saúde. Brasília: OEI - Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2006.

Sobre as autoras:

Irene Rizzini

Professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), diretora do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI) e presidente da Rede Internacional de Pesquisa Childwatch, sediada em Oslo, Noruega. Doutora em Sociologia pelo IUPERJ, Mestre em Serviço Social pela Universidade de Chicago, Estados

Unidos. Em âmbito internacional, é Presidente da Rede internacional de intercâmbio de pesquisa na área da infância (Childwatch International Research Network, Noruega). Irene Rizzini tem coordenado diversos projetos de abrangência nacional e internacional. Entre suas principais publicações, estão: A arte de governar crianças. A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil (em breve reedição revista e atualizada pela Editora Cortez); A criança e a lei no Brasil: revisitando a história (1822-2002); Desenhos de família; Children and globalization (Kluwer, NY); From street children to all children: improving the opportunities of low income urban children and youth in Brazil (Cambridge University Press); Vida nas ruas: trajetórias de vida de crianças e adolescentes nas ruas do Rio de Janeiro (publicado no Brasil e na Suíça); A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente. Niños e adolescentes creciendo en contextos de pobreza, marginalidad y violencia en América Latina (espanhol e português). Acolhendo crianças e adolescentes. Experiências de Promoção do Direito à Convivência Familiar e Comunitária no Brasil (Editora Cortez); Percepções e experiências de participação cidadã de crianças e adolescentes no Rio de Janeiro.

Paula Caldeira

Mestranda em Psicossociologia pela UFRJ, formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com especialização em Sociologia Urbana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do CIESPI nos projetos: Elos, Jovens e o Mundo do Trabalho e Jovens Engajados nas Américas, e membro da Secretaria Executiva do CIESPI. É co-autora nas seguintes publicações: A rua no ar. Histórias de adolescentes; Vida nas ruas. Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?; Nós. A revolução de cada dia; What works in supporting children and youth who live in low income communities in Rio de Janeiro, Brazil.

Alessandra Caldeira

Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em agosto de 2007. Co-autora do livro “Nós. A revolução de cada dia” e autora da monografia sob o título “Serviço Social e Instituição: A experiência na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)” disponível no site da revista Em Debate (Deptº. Serviço Social da PUC-Rio) http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1207.D2W/INPUT. Atualmente é assistente de pesquisa do projeto Jovens Engajados nas Américas, apóia a área de captação de recursos para o CIESPI e atua como assistente social no projeto de Regularização Fundiária Rocinha Mais Legal da Fundação CDDH Bento Rubião.

Denise Barros

Graduada de Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Estagiou na Vila Olímpica Clara Nunes (Acari) e atualmente é estagiária da Agência de Família (Costa Barros) no Banco da Providência. No CIESPI é estagiária PIBIC do projeto Jovens Engajados nas Américas.